

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

THIAGO TAVELLA FERRARI

A venda de Eros: Pornografia, Plataformas e Auto exploração

Curitiba

2025

Thiago Tavella Ferrari

A venda de Eros: Pornografias, plataforma e Auto exploração

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo ao Setor de Artes, Comunicação e Design, na Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Profº Dr. Mario Messagi Jr

Curitiba

2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
Rua Bom Jesus, 650, - - Bairro Juvevê, Curitiba/PR, CEP 80035-010
Telefone: 3360-5000 - <https://ufpr.br/>

ATA DE REUNIÃO

ATA DA BANCA DE APRESENTAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE JORNALISMO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

No dia 12/12/2025, às 18 horas, os membros da banca de avaliação reuniram-se no Departamento de Comunicação Social da UFPR, com a finalidade de avaliar o aluno **THIAGO TAVELLA FERRARI** que apresentou o trabalho de conclusão de curso em jornalismo intitulado: **A VENDA DE EROS: PORNOGRAFIA, PLATAFORMAS E AUTOEXPLORAÇÃO**. Após informar as normas do exame de avaliação, o orientador passou a palavra para que o aluno realizasse a apresentação. Finalizada a exposição, o aluno foi arguido pelos membros da banca que atribuíram as seguintes notas:

Professora	Nota	Assinatura
ALESSANDRO MARCELO WAINER MARTINS	90	 Documento assinado digitalmente ALESSANDRO MARCELO WAINER MARTINS Data: 24/12/2025 12:11:32-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br
GABRIEL ALEXANDRE BOZZA	90	 Documento assinado digitalmente GABRIEL ALEXANDRE BOZZA Data: 24/12/2025 17:38:15-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br
JOSÉ CARLOS FERNANDES	90	 Documento assinado digitalmente JOSE CARLOS FERNANDES Data: 24/12/2025 11:34:38-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br
MÁRIO MESSAGI JUNIOR	90	 Documento assinado digitalmente MARIO MESSAGI JUNIOR Data: 24/12/2025 10:12:37-0300 Verifique em https://validar.iti.gov.br

Sendo assim, a média aritmética atribuída ao aluno na defesa de seu Trabalho de Conclusão de Curso, foi 90, nota que será lançada no SIGA pelo Professor Orientador somente após realizadas as considerações sugeridas pela banca. O aluno foi considerado aprovado na disciplina e deverá entregar o trabalho com alterações sugeridas pela banca em até 10 dias.

MÁRIO MESSAGI JUNIOR
Professor Orientador

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais pela criação e pelas oportunidades que me proporcionaram. Se hoje sou, como indivíduo, capaz de contribuir para a sociedade e para os meus iguais, isso se deve à consciência, à educação e à capacidade que vocês me deram e permitiram que desenvolvesse. Ao meu irmão, pelo companheirismo diário. Aos meus amigos, os que já encontrei e abracei: Flávia, Emilly, Lucas, Giovana, Ana Beatriz, Joaquim, Rafael, Evelyn, Pietra, Maria, Ana Carolina Hamasaki, Guilherme para citar apenas alguns. Sem vocês não teria terminado este curso, obrigado. Aos que ainda não pude encontrar, que a vida nos entregue essa oportunidade algum dia; até lá, obrigado a todos os membros da E&C e do Ikebukuro por terem mudado minha vida.

Agradeço também a todos os professores que me acompanharam durante a graduação. Em especial a Mário Messagi Jr., por orientar, em meio a tantas dificuldades e desencontros, este TCC; a José Carlos Fernandes, por participar da banca de avaliação; e a Criselli Montipó, por ter tomado um papel equivalente ao de uma política de permanência em um momento de dúvidas e turbulências em relação ao curso. Vocês são profissionais inspiradores, e espero algum dia poder chegar a uma fração da qualificação e do conhecimento que inspiram e representam.

Agradeço também a Will Toledo, da banda Car Seat Headrest; a Ryukishi07, escritor da franquia When They Cry; a Rika Furude de Higurashi; a Morgana de The House in Fata Morgana; e a Kurt Cobain, que dispensa maiores especificidades.

*Gostaria de dedicar este Trabalho de Conclusão de Curso
à minha amada bruxa Beatrice.*

These strands of the movement converge and go their own ways, but their common purpose is to value and believe the experiences of people who sell sex, to insist that it is not sex work that degrades us but those people who use our experiences to justify degradation.

— Melissa Gira Grant, 2014.

RESUMO

O presente trabalho investiga a produção, plataformização e consumo do trabalho na internet, focando nas dinâmicas do capitalismo digital e nas transformações provocadas pelo surgimento de plataformas de venda de conteúdo erótico, como *Privacy* e *OnlyFans*. Por meio de uma abordagem histórica e crítica, discute como o trabalho sexual e o sexo existem e são interpretados, incorporados e reorganizados dentro da lógica do capitalismo informacional e da uberização do trabalho no ambiente digital contemporâneo. Utiliza-se como fundamentação teórica os escritos de Herbert Marcuse (1975) e Byung-Chul Han (2017), que oferecem ferramentas conceituais para compreender as transformações do desejo, da intimidade e da sexualidade diante das novas formas de exploração, objetificação e performatividade impostas pelas plataformas digitais. O estudo serve de base para uma reportagem *longform* que se desenvolve no contexto brasileiro e aprofunda o debate sobre a exploração, a mercantilização da intimidade e as contradições da suposta liberdade sexual promovida por essas plataformas. A reportagem amplifica voz a criadores de conteúdo e especialistas, criando a partir de suas falas um panorama das tensões entre autonomia, autoexploração e precarização vivenciadas no trabalho sexual digital. Analisa o impacto da lógica neoliberal na subjetividade dos trabalhadores do sexo e como a mercantilização da intimidade contribui para o esvaziamento do potencial erótico e das relações autênticas. A pesquisa contribui para entender as recentes transformações do trabalho sexual no contexto digital, mostrando como tecnologias e modelos econômicos reconfiguram as experiências ligadas ao corpo, ao desejo e à sexualidade.

Palavras-chave: plataformas; conteúdo sexual; internet; capitalismo digital; *privacy*; *onlyfans*; trabalho sexual; prostituição.

ABSTRACT

This study investigates the production, platformization, and consumption of labor on the internet, focusing on the dynamics of digital capitalism and the transformations brought about by the emergence of erotic content subscription platforms such as Privacy and OnlyFans. Through a historical and critical approach, it explores how sex work and sexuality are interpreted, incorporated, and reorganized within the logic of informational capitalism and the uberization of labor in the contemporary digital environment. Theoretical support is drawn from the works of Herbert Marcuse and Byung-Chul Han, who offer conceptual tools to understand transformations in desire, intimacy, and sexuality in the face of new forms of exploitation, objectification, and performativity imposed by digital platforms. This research provides the foundation for a longform journalistic piece set in the Brazilian context, which deepens the debate on exploitation, the commodification of intimacy, and the contradictions of the supposed sexual freedom promoted by these platforms. The report amplifies the voices of content creators and experts, constructing from their testimonies a panorama of the tensions between autonomy, self-exploitation, and precarity experienced in digital sex work. It also analyzes the impact of neoliberal logic on the subjectivity of sex workers and how the commodification of intimacy contributes to the erosion of erotic potential and authentic relationships. The research aims to contribute to the understanding of recent transformations in sex work within the digital context, revealing how technologies and economic models reshape experiences related to the body, desire, and sexuality.

Keywords: onlyfans; privacy; sex work; prostitution; digital capitalism; erotic content platforms.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Distribuição da receita entre criadores no OnlyFans	14
Figura 2 – Número de criadores de conteúdo na plataforma de 2019 a 2023	15
Figura 3 – Visão geral da primeira página do site	34
Figura 4 – Visão geral das divisões do site	34
Figura 5 – Visão da página “Começo de carreira”	35
Figura 6 – Visão geral da página “Vitrine”	36
Figura 7 – Organização visual e narrativa da página “Vitrine”	36
Figura 8 – Organização narrativa da página “Custo”	37
Figura 9 – Organização da página “Custo”	37
Figura 10 – Visão geral da página “Contratos”	38

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. REFERENCIAL TEÓRICO	17
2.1. TRABALHO SEXUAL É TRABALHO	18
2.2 SEXO COMO PRODUTO	22
2.3. LONGFORM	29
3. DESCRIÇÃO E FUNDAMENTAÇÃO DO PROCESSO DE PRODUÇÃO	32
4. RELATÓRIO DE PRODUÇÃO	34
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	39

1. INTRODUÇÃO

A contemporaneidade se estabeleceu como um período de intensa mutação e de reconfigurações profundas, onde diversos fenômenos sociais e econômicos historicamente consolidados foram continuamente absorvidos e transformados pela interface das novas tecnologias. Mais do que meras atualizações, estas inovações digitais, pautadas principalmente pela conectividade e arquitetura algorítmica, impulsionaram uma reestruturação radical nas bases da sociedade humana, atingindo desde os modos de acumulação, funcionamento do capital até as próprias relações interpessoais. Dentre os fatores mais afetados por essas transformações, estão a relação que os indivíduos têm com o trabalho – tanto como atividade produtiva, como atividade profissional regulamentada – e com os seus próprios desejos.

A aparente liberdade proporcionada por uma suposta superação da presença física, reforçada por redes sociais produziu uma sociedade cada vez mais voltada para o desempenho, em que o controle dos corpos, desejos e pensamentos é feito pelo próprio indivíduo afetado por estas medidas. A sociedade atual encontra-se em um paradoxo, em que a superação de formas de exploração possibilitadas e prometidas por tecnologias deu lugar a reconfigurações ainda mais precarizadoras – agora cada trabalhador pode seu próprio “patrão” e principalmente capataz. De forma semelhante, a hiperdisponibilidade da realização de desejos significa uma submissão cada vez maior dele a um sistema que o reprime e o instrumentaliza. A hiperexposição do outro representam uma maior distância de seu efeito para si e um esvaziamento de sua alteridade.

Podemos ver expressões desses paradoxos em diversos ambientes, dispositivos e sites. Mas de certa forma, os mais sintetizantes são as plataformas de trabalho sexual disponíveis na atualidade. Mais especificamente as que funcionam sob sistemas de assinatura, mais em específico as plataformas conhecidas como *Privacy* e *Onlyfans*.

OnlyFans é uma plataforma digital criada em 2016 pelo empresário britânico Timothy Stokely, em conjunto com seu pai, Guy Stokely, e seu irmão, Thomas Stokely. A ideia inicial, segundo os fundadores, era lucrar com base no conteúdo exclusivo produzido por influenciadores digitais, permitindo que eles oferecessem

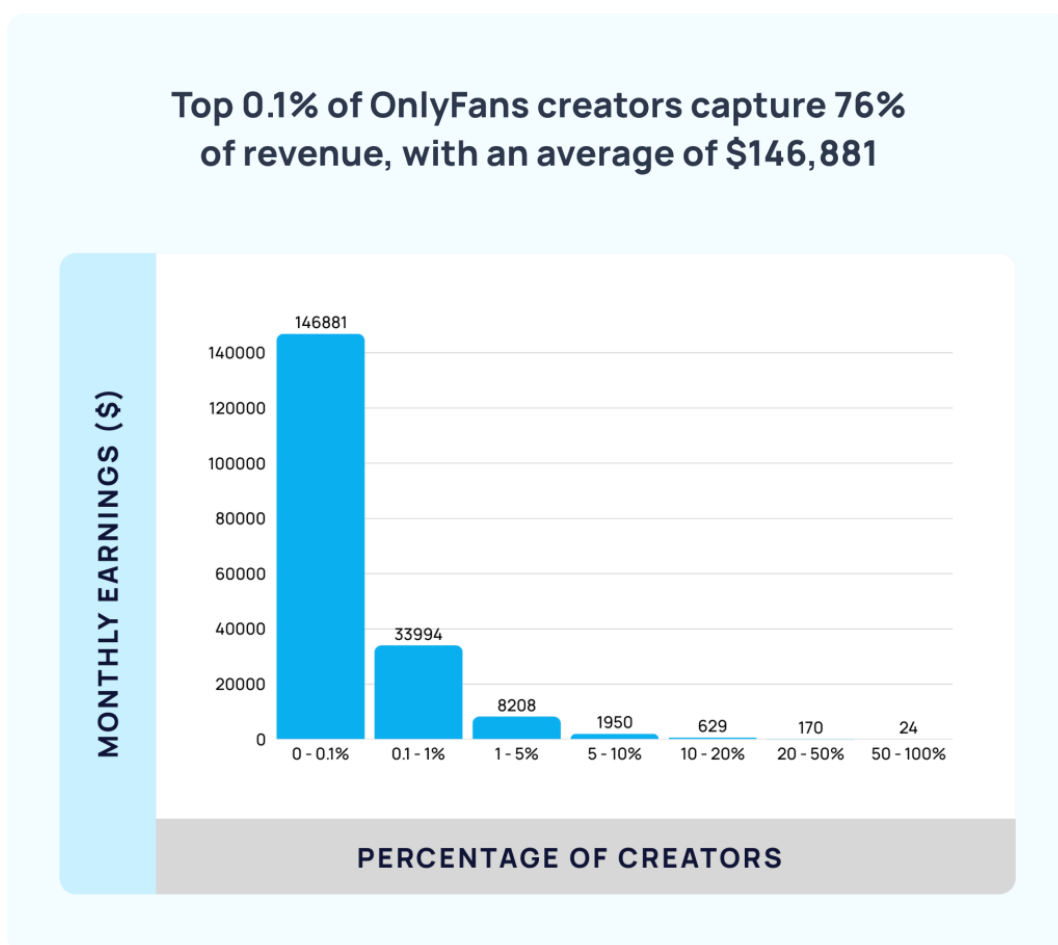
materiais "extras" para fãs dispostos a pagar por acesso privilegiado. Até hoje, a plataforma é utilizada por celebridades e influenciadores que buscam oferecer conteúdos diferenciados além de suas publicações em redes sociais abertas.

Atualmente, o *OnlyFans* é o símbolo mais reconhecido do trabalho sexual nas plataformas digitais, ainda que não seja o único. Essa imagem foi consolidada de tal forma que, em 2021, uma tentativa da empresa de banir conteúdos considerados sexualmente explícitos, numa suposta tentativa de retornar ao objetivo original, fracassou. A medida foi amplamente criticada por criadores e usuários, e rapidamente revertida diante da pressão e risco de perda de receita.

O site é hoje considerado um "case de sucesso", com lucros estimados na casa dos bilhões de dólares. A fortuna pessoal de seu proprietário, *Leonid Radvinsky*, que adquiriu participação majoritária na empresa em 2018, aumentou mais de 150% em apenas dois anos. Plataformas similares surgiram no mercado, sendo um dos maiores exemplos a brasileira Privacy, que se destacou por focar em mercados locais, oferecendo transações em moeda nacional e adaptando os preços e os sistemas de pagamento ao público alvo.

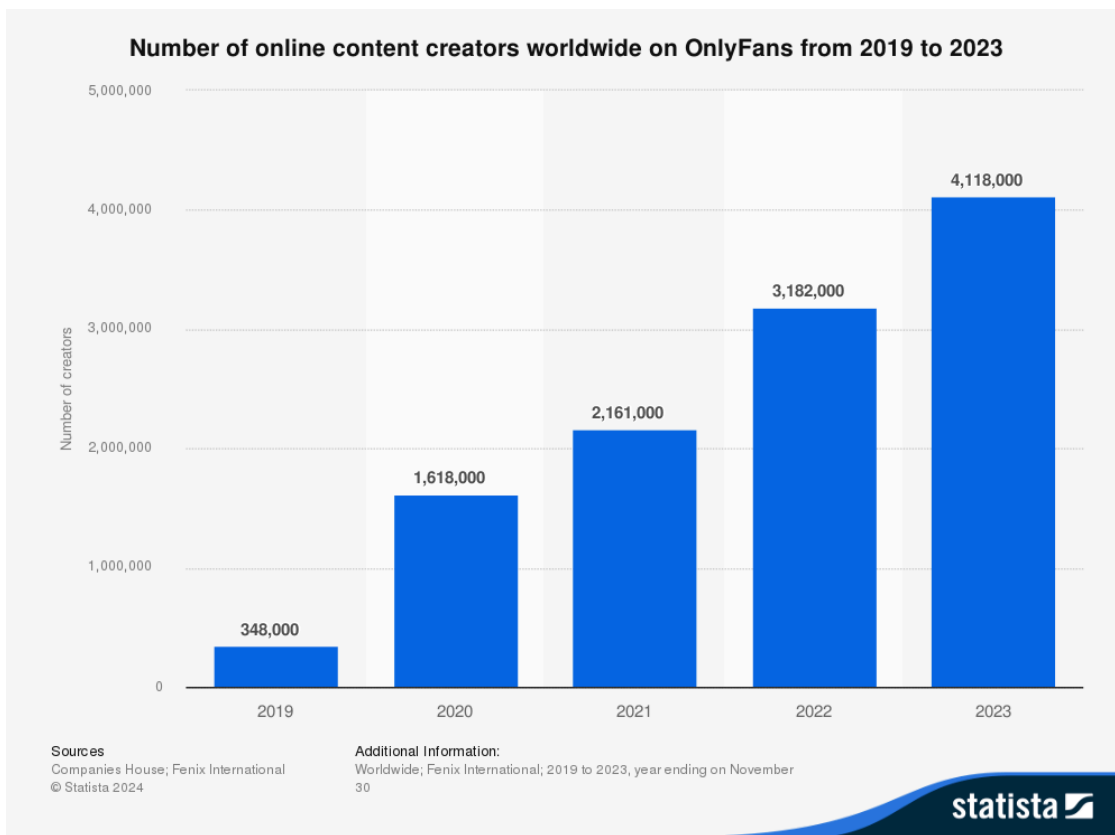
Mas os dados de maior relevância para a reportagem cuja base teórica se apresenta aqui são a respeito do lucro dos criadores e da base de usuários dentro da plataforma. Segundo um relatório produzido pelo próprio site (Figura 1), 0,1% das criadoras concentram cerca de 76% do lucro do site, com a grande maioria das criadoras ganhando o equivalente a 24 dólares por mês (cerca de 132 reais conforme a cotação em 22/06/25).

Figura 1 – Distribuição da receita entre criadores no *OnlyFans*



Fonte: *OnlyFans* (2025)

O uso da palavra gendrada “criadoras” não é à toa, os números citados por jornais e sites a respeito dos perfis de gênero dentro da plataforma variam, mas tem como consenso a predominância de mulheres como criadoras (de 70 a 84%) e homens como “consumidores” (60 a 80%). Englobando ambas as categorias como “usuários”, tem-se um notável aumento desse número a partir de 2020, veículos de imprensa veiculam um crescimento de 600%, passando de 20 milhões para 120 milhões de usuários. O número de criadores na plataforma passou de cerca de 300 mil para 1,6 milhão e desde então não para de crescer (Figura 2).

Figura 2 – Número de criadores de conteúdo na plataforma de 2019 a 2023

Fonte: Satisa/Social Rise (2024)

Tão relevantes quanto esses dados, é a forma como a plataforma se vende no espaço público. O mesmo relatório em que o site notifica que a maioria dos criadores de conteúdo recebem em média 24 dólares com seu trabalho termina com “dicas” para transformar essas discrepâncias em “oportunidades de crescimento”, na aba “Sobre nós” do site você pode encontrar uma mensagem que fala sobre empoderamento dos criadores e mais abaixo uma sob inclusão.

Sua irmã latina, “Privacy”, não oferece tantos dados internos a respeito de seus usuários e lucro. Mas ela também utiliza uma mensagem semelhante, “ajudar a dar liberdade à criadores”, “permitir uma maior conexão entre criadores e fãs”.¹

Em ambos os casos, pouco se faz referência ao principal tipo de conteúdo ofertado dentro das plataformas, embora isso seja de conhecimento geral. Ao acessar as plataformas há poucas menções diretas, apenas mensagens muito vagas a respeito de “liberdade”, “autenticidade” e “bem estar”.

¹ Disponível em <https://onlyfans.com/about> e <https://privacy.com.br/About>. (Acesso em 22/06/2025)

A utilização de discursos de liberdade para promover uma percepção de autonomia a quem efetivamente vende sua força de trabalho é central para todos os negócios em plataformas digitais. Sendo representativos:

Assim, se essa tendência destrutiva em relação ao trabalho não for fortemente confrontada, recusada e obstada, sob todas as formas possíveis, teremos, além da ampliação exponencial da informalidade no mundo digital, a expansão dos trabalhos “autônomos”, dos “empreendedorismos” etc., configurando-se cada vez mais como uma forma oculta de assalariamento do trabalho, a qual introduz o véu ideológico para obliterar um mundo incapaz de oferecer vida digna para a humanidade. Isso ocorre porque, ao tentar sobreviver, o “empreendedor” se imagina como proprietário de si mesmo, um quase-burguês, mas frequentemente se converte em um proletário de si próprio, que autoexplora seu trabalho. (Antunes, 2020, p. 22)

Mas nesse caso, além da pura força de trabalho, dinâmicas de exploração sexual, exposição de corpos e imagens entram em questão. O aumento vertiginoso de criadores de conteúdo, principalmente mulheres, durante e após a pandemia, dois momentos de fragilidade econômica e social indubitáveis, acendeu um debate público a respeito dessas plataformas. Se por um lado há preocupações genuínas a respeito do aumento e da normalização da prostituição (e outras formas de trabalho sexual) principalmente entre mais jovens, há uma questão a ser colocada a respeito da alegada liberdade que é vendida pela plataforma e até defendida por algumas figuras que vivem dela.

É justamente sobre essas questões que a *Longform* aqui justificada buscou se debruçar, buscando construir por meio de uma linha narrativa imersiva um retrato da utilização dessas plataformas e seus efeitos na dinâmica social dentro da sociedade brasileira.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Como arcabouço teórico da análise desenvolvida pela reportagem, buscou-se fundamentar a investigação a partir de debates sobre o trabalho sexual, a sexualidade e suas inter-relações com o sistema capitalista. O objetivo foi compreender de que maneira esses elementos são historicamente apropriados,

explorados e moldados pelo modo de produção capitalista, bem como analisar como tais dinâmicas se reconfiguram no contexto das plataformas digitais. Dessa forma, pretende-se evidenciar como o capitalismo contemporâneo mercantiliza a sexualidade e organiza o trabalho sexual dentro das lógicas da plataformização, flexibilização e precarização que marcam a economia digital.

2.1. TRABALHO SEXUAL É TRABALHO

Como preceito básico de qualquer análise se faz necessário delimitar o objeto de estudo, neste caso, o trabalho sexual. Aqui, entretanto, visa-se também contextualizar uma série de debates a respeito das diferentes visões que se tem dele ao longo da história e como ele se relaciona com a sociedade e principalmente, o modo de produção capitalista.

O termo “trabalho sexual” já traz consigo alguma carga a respeito do que se busca no debate sobre ele. Cunhado nos anos 70 pela ativista Carol Leigh, sua utilização abrange outras ocupações e funções que se enquadram nele, além da tradicional prostituição e performance pornográfica, além de quando adjetivado dar agência a quem o realiza e substituir termos pejorativos como “puta” ou “prostituta”. Utiliza-se então o termo para definir a oferta de serviços sexuais ou relacionados ao sexo (aqui inclui-se atualmente *camming*, performance de fetiches, atuações pornô, *stripteasing* e entre outros) em troca de compensação material.

“Compensação material” porque o trabalho sexual existe antes de qualquer moeda, quanto mais das noções de propriedade privada. Laura Agustín (2007) destaca que o trabalho sexual tem raízes profundas nas dinâmicas sociais e econômicas pré-capitalistas, sendo uma prática que antecede a moeda e a propriedade privada. Agustín entende que sexo como forma de compensação ou troca está vinculado a práticas de sobrevivência e negociação social que existem desde as sociedades tradicionais:

Ao longo da história, uma variedade de vendedores acompanhava peregrinos e soldados em campanha, e as pessoas sempre venderam ou trocaram sexo ao se deslocar do campo para as cidades ou de países mais ricos para os mais pobres (incluindo europeus que viajaram para a Argentina no século XIX e as jovens japonesas contemporâneas conhecidas como “yellow cabs”,

que viajam acompanhando estrangeiro). (Agustín, 2007, pg 39) [Tradução própria]²

Ou seja, a categoria do trabalho sexual não é necessariamente uma cria do capitalismo, muito menos fruto de algum tipo de “decadência moderna”. Na realidade, práticas como a prostituição sagrada, por exemplo, evidenciam que o sexo, em determinadas culturas, tinha também funções espirituais e comunitárias, sendo parte das dinâmicas coletivas de manutenção da ordem social e do equilíbrio entre grupos.

Mas a partir do momento em que se insere esta categoria dentro do sistema capitalista e das sociedades contemporâneas surgem dois questionamentos. A primeira, é como esse tipo de trabalho, como o que é ofertado por ele pode se adaptar a lógica da mercadoria, a segunda é como se tratam as trabalhadoras que o desempenham.

A primeira questão há de ser aprofundada no próximo tópico. Mas a despeito da segunda, o ponto de vista explicitado neste escrito e sustentado pela reportagem aqui proposta é de que as trabalhadoras sexuais são, como a própria utilização do termo diz, trabalhadoras, com isso não só estão expostas a processos de plataformização e precarização (uma precarização excedente na verdade), como também deveriam estar sujeitas a proteções e direitos trabalhistas. Mesmo com todas as problemáticas que a própria existência de sua categoria pode implicar, tratá-las puramente como vítimas é tão útil para elas (e qualquer discussão que se possa ter sobre o tema) quanto a perspectiva moral de que são produtos de uma decadência moral da sociedade.

Essa análise ao mesmo tempo que pode reconhecidamente ir de encontro com algumas autoras feministas que argumentam, de forma inequívoca, a respeito das diversas violências que levam a maioria dessas trabalhadoras ao ofício onde estão, além da própria violência que representa muitas vezes esse trabalho dentro da sociedade contemporânea, é defendida por muitas outras autoras do mesmo campo. A supracitada, Laura Agustín (2007) em seu livro, *Sex At The Margins*, opta justamente por uma análise que critica do que chama de “visão salvacionista”, afirmando que esse discurso coloca as trabalhadoras sexuais como indivíduos

² A myriad of vendors accompanied pilgrims and campaigning soldiers, and people have always sold or bartered sex when moving from the countryside to cities or from richer countries to poorer (including Europeans who travelled to Argentina in the nineteenth century and contemporary young Japanese women known as ‘yellow cabs’ who travel with foreigners)

incapazes de fazer decisões autônomas, além de negar a associação inerente desse tipo de atividade com a exploração sexual, principalmente no contexto das pessoas migrantes.

Em geral, esses agentes sociais aceitam o discurso dominante sobre 'prostituição' — e a figura da 'prostituta' como vítima — como se fosse um fato, e não uma construção social. A partir daí, se posicionam como salvadores benevolentes, em um movimento que lhes parece natural. Por meio de pesquisa histórica, descobri que esse posicionamento começou em um momento da história europeia em que surgia um interesse crescente pela arte de governar e pelo bem-estar das populações. Aqueles que se preocupavam — a crescente classe média — viam a si mesmos como especialmente capacitados para ajudar, controlar, aconselhar e disciplinar os pobres indisciplinados, incluindo sua conduta sexual. (Agustín, 2007, p. 7) [Tradução própria]³

Em uma análise mais desprendida do contexto da migração, a jornalista e ex-trabalhadora sexual, Melissa Gira Grant, em seu livro *“Playing The Whore”* faz uma análise menos libertária, mas igualmente apologética às trabalhadoras sexuais. Grant analisa o próprio histórico dessas trabalhadoras e da imagem que é reproduzida sobre elas na sociedade. Com enfoque na prostituição, a jornalista argumenta que até mesmo perspectivas salvacionistas ou paternalistas auxiliam na manutenção do sistema que não apenas torna o trabalho sexual uma realidade, mas também permitem a vitimização das trabalhadoras sexuais. Quando a criminalização e condenação dessas trabalhadoras ocorre a partir da perspectiva de que a atividade por si só é intrinsecamente violenta e desumanizante, o que ocorre é se permitir que a violência seja aplicada sob algumas mulheres para que sejam preservadas o valor social e sexual de outras (Grant, 2014).

Você precisa saber se eu sou contra a prostituição”, perguntei a esses estudantes, “antes de poder avaliar como se sente sobre a violência policial, sobre um padrão persistente de negação de justiça para pessoas rotuladas como ‘prostitutas’?” [...] O estigma e a violência enfrentados por trabalhadores sexuais causam danos muito maiores do que o trabalho sexual em si, mas isso é ilegível para aqueles que só conseguem enxergar a prostituição como um sistema autoimposto de violência. Para essas pessoas, a prostituição é o problema em si. (Grant, 2014, p. 65) [Tradução própria]⁴

³ By and large, they accept the ‘prostitution’ discourse – and the ‘prostitute’ as victim – as fact, not as social construction. From there, they position themselves as benevolent helpers, in what seems to them to be a natural move. Through historical research, I found that this self-positioning began at a time in European history when interest was awakened in the art of government and the welfare of the governed. Those who were concerned, the growing middle class, saw themselves as peculiarly suited to help, control, advise and discipline the unruly poor, including their sexual conduct.

⁴ “Do you need to know if I oppose prostitution,” I asked these students, “before you can evaluate how you feel about police abuse, about a persistent pattern of denying justice to people labeled

A frase que define a tese exposta por Grant é em suma a definição da abordagem utilizada nesta produção, “O problema nunca foi o sexo. O problema é o trabalho” (Grant, 2014).

Estabelecido essa visão como central a respeito da abordagem que se dá ao trabalho sexual neste produto, faz-se necessário deixar claro também a visão que se tem a respeito da função que as plataformas assumem nesse contexto: o de Uberização. Nesse modelo, plataformas como *Privacy* e *OnlyFans* operam não apenas como espaços de hospedagem de conteúdo, mas como intermediárias digitais que extraem valor sem assumir responsabilidades trabalhistas, deslocando todos os riscos para os próprios produtores de conteúdo. A promessa de autonomia, flexibilidade e liberdade esconde, na verdade, uma estrutura profundamente assimétrica.

Tal como ocorre nos modelos de trabalho por aplicativo, a uberização do trabalho sexual implica a individualização extrema da força de trabalho, convertendo cada criadora em uma microempresa de si mesma. Ela deve gerir sua imagem, atrair audiência, estabelecer estratégias de marketing, lidar com algoritmos e ainda manter uma aparência constante de intimidade e disponibilidade. Essa lógica desloca o foco da exploração para o desempenho constante, gerando uma forma de auto exploração intensiva e silenciosa. Assim como o motorista de aplicativo precisa trabalhar por horas exaustivas para alcançar o mínimo necessário, as criadoras precisam se manter em constante auto exposição, performance e engajamento emocional para garantir sua renda.

O trabalho do uberizado é passível de ser permanentemente mapeado e vigiado pela empresa-aplicativo: o trajeto que o motorista da Uber realiza, o tempo que a manicure uberizada fica na casa da cliente, o tempo que o motoboy leva para fazer uma entrega. A atividade é também um dado produzido e administrado. Além disso, em muitos casos, opera uma nova forma de gerenciamento executada pela multidão de consumidores. O trabalhador uberizado é avaliado pelos consumidores, ranqueado continuamente, e sabe da competição, que só tende a aumentar; mas não tem certeza sobre como esse ranqueamento funciona: as regras não são claras, ainda que constantemente operantes (Abílio, 2020, p. 181).

‘prostitutes’?” Are these videos to be understood only as documents of an acceptable form of violence, to be applied as a deterrent, to deliberately make prostitution less safe?

2.2 SEXO COMO PRODUTO

O capitalismo é um modo de produção que tem como uma de suas características a paulatina transformação de tudo em mercadoria. Mesmo processos anteriores ou exteriores à sua existência tendem a ser postos à disposição da acumulação de capital. Como já explicitado anteriormente, esse processo passa por diversos pontos do que se entende como processo de mercantilização da vida, necessidades básicas, força de trabalho e até os próprios relacionamentos, sendo um fenômeno extremado pelo capitalismo neoliberal que rege a maior parte das economias mundiais da atualidade. Como bem estabeleceria Michel Foucault (2008), o neoliberalismo é um projeto de expansão do mercado para todas as áreas da vida.

No neoliberalismo americano, trata-se de fato e sempre de generalizar a forma econômica do mercado. Trata-se de generalizá-la em todo o corpo social, e generalizá-la até mesmo em todo o sistema social que, ordinariamente, não passa ou não é sancionado por trocas monetárias. Essa generalização, de certo modo absoluta, essa generalização ilimitada da forma do mercado acarreta certo número de consequências ou comporta certo número de aspectos. (Foucault, p. 333-334)

E na atualidade essa mercantilização não pode ser dissociada do espaço digital. É discutível se a internet e os dispositivos que permitiram sua popularização são ou não frutos do capitalismo, mas é inegável o quanto ele se desenvolveu a partir delas. Novas formas de acumulação de capital, novos mercados surgiram. Em 2018, o Banco Mundial lançou um relatório a respeito do desenvolvimento de mercados privados e públicos a partir de base de dados gerados pela internet. A produção desse documento é em si um atestado do papel central que a rede conquistou no desenvolvimento de mercados e do capitalismo no século XXI.

Manuel Castells, sociólogo, ex-ministro das universidades espanhol e estudioso da sociedade da informação, argumenta pela existência de uma nova fase do capitalismo: o capitalismo informacional. Essa nova fase do capitalismo tem entre suas principais características a informação e o controle como pontos centrais do acúmulo de capital, a descentralização de cadeias produtivas e flexibilização das condições de trabalho (Castells, 2007).

E como exposto anteriormente, o trabalho sexual também foi afetado por essa nova fase do capitalismo, sendo a uberização o efeito mais notado. Entretanto, aqui nota-se que a uberização pode ser um fenômeno característico das plataformas

digitais, mas tanto a precarização quanto a flexibilização das condições de trabalho, assim como a mercantilização da vida, são dinâmicas muito anteriores, sendo pilares desta nova fase do modo de produção capitalista.

Nos anos 1990, David Harvey (1992) já identificava esses fenômenos ocorrendo nas principais economias do mundo, especialmente com a transição do fordismo para um regime de acumulação flexível. Portanto, pode-se declarar que a plataformização do trabalho sexual, não é uma nova adição proporcionada por concepções modernas pós revolução sexual ou uma “degeneração”, mas sim uma expressão de maior intensidade, com uma interface informacional de um processo e mercados já estabelecidos.

A partir desse panorama, podemos entender que o essencial, para a segunda parte desta fundamentação teórica, é compreender como o sexo em si é inserido como produto dentro do próprio sistema capitalista. A partir disso, entende-se que a sua dentro do contexto digital torna-se apenas uma apresentação extrema de um aspecto já existente.

E para esta análise, é possível recorrer as bases no que diz respeito ao estudo da sexualidade e seus efeitos dentro do indivíduo e da sociedade. As relações entre sexo, desejo, e a própria civilização sempre foi tema de interesse de diversos estudos. Mas para os fins deste produto, se escolhe como um dos pilares a análise desenvolvida pelo egresso da escola de Frankfurt, Herbert Marcuse (1975), em seu livro, *Eros e Civilização*.

A análise de Marcuse (1975) parte do princípio essencial da teoria de Sigmund Freud de que a vida em civilização é orientada pela repressão dos instintos, uma luta eterna que se estende a própria psique do indivíduo, onde há uma constante tensão no desejo de criar, unir, reproduzir e o de quebrar, destruir, romper, retornar a seu estado inorgânico. A ideia de que o prazer é o motor essencial da atividade humana, mas encontra-se em constante conflito com a própria realidade.

Como vemos, o que decide o propósito da vida é simplesmente o programa do princípio do prazer. Esse princípio domina o funcionamento do aparelho psíquico desde o início, e não pode haver dúvida sobre sua eficácia, ainda que seu programa se encontre em desacordo com o mundo inteiro, tanto com o macrocosmo quanto com o microcosmo. Não há possibilidade alguma de ele ser plenamente executado, pois todas as normas do universo lhe são contrárias. (Freud, 2010, p. 10)

A partir disso, Freud (2010) estabeleceria uma série de concepções que diriam respeito a forma como os indivíduos estabelecem suas relações entre a satisfação de suas necessidades pessoais e a realidade na qual se encontram. Dentre eles, nomearia as próprias estruturas psíquicas atuam nesse processo: o Id, o reservatório inconsciente das pulsões instintivas e que busca a satisfação imediata dos desejos; o Superego, que internaliza as normas, valores e proibições morais da sociedade, funcionando como uma instância crítica e repressora; e o Ego, responsável por mediar as exigências do Id, as restrições do Superego e as demandas do mundo externo. O princípio da realidade, que se opõe ao princípio do prazer, refere-se à capacidade do Ego de adiar a satisfação imediata dos desejos para lidar com as demandas e limitações do mundo externo. Na concepção do psicanalista essa repressão é de origem tanto biológica quanto social, a repressão das pulsões que orientam o prazer seria tão necessária para a própria sobrevivência do ser humano quanto para manutenção da ordem social.

O mal estar, o sofrimento advindo dessa luta constante, seria portanto algo inevitável e a repressão, mesmo no contexto da evolução em relação à normas, tabus, concepções e etc, inerente a vida em sociedade.

Também estou a par da objeção que pode ser levantada contra isso, objeção segundo a qual, na história da humanidade, tendências como estas, consideradas insuperáveis, frequentemente foram relegadas e substituídas por outras. Assim, não tenho coragem de me erguer diante de meus semelhantes como um profeta; curvo-me à sua censura de que não lhes posso oferecer consolo algum, pois, no fundo, é isso que todos estão exigindo, e os mais arrebatados revolucionários não menos apaixonadamente do que os mais virtuosos crentes. (Freud, 2010, p. 48)

É a partir desse ponto, entretanto, que a análise de Marcuse e Freud começam a se distanciar. Para Marcuse, a ideia de uma repressão necessária é factível, mas ao considerá-la como inerente à vida em civilização, surge o risco de normalizá-la como uma verdade universal.

Essa crítica é válida, mas esta validade não deturpa a verdade da generalização de Freud, a saber: uma organização repressiva dos instintos é subjacente a todas as formas históricas do princípio de realidade na civilização. Se Freud justifica a organização repressiva dos instintos pelo caráter irreconciliável do conflito entre o princípio de prazer e o princípio de realidade, expressa também o fato histórico de que a civilização progrediu como dominação organizada. (Marcuse, 1975, p. 50).

Na realidade, o frankfurtiano argumenta que a própria teoria freudiana reconhece no progresso da civilização uma troca sucessiva de formas de dominação, a exemplo a mudança de um pai tirânico (Totem e Tabu) para um grupo de irmãos que internalizam o controle (culpa, superego).

Então para uma análise mais profunda a respeito da relação entre desejo e repressão no cenário capitalista, se presume que, apesar de haver sim um fundo biológico para a repressão. O princípio de realidade posto por Freud não é universal e tão pouco inerente ao ser humano, mas sim uma representação de uma forma de dominação imposta por contextos sociais específicos, assumindo diferente.

Procurando elaborar uma análise mais profunda a respeito dessas relações em cada contexto histórico social, elaboram-se algumas extrapolações de contextos freudianos. A “Mais-Repressão”, repressão excedente requerida pela forma de dominação em vigência, e “Princípio Desempenho”, a forma histórica predominante do princípio de realidade.

A ideia de um “princípio de desempenho” está orientada principalmente pela noção de escassez, que, para Freud, seria uma condição natural. Contudo, aqui, ela retorna também como uma criação intencional para servir aos interesses da ordem social de produção vigente. A instrumentalização dos indivíduos para a satisfação dessa ordem produtiva exige a manutenção e a distribuição calculada dessa escassez, garantindo assim o controle social necessário para a eficiência e a submissão ao princípio de desempenho. Esse controle é constituído por mecanismos que acabam por gerar “Mais-repressão”.

Um exemplo relacionado de forma tangencial ao tema sexualidade citado por Marcuse (1975) seria a reprodução família patriarcal-monogâmica (modelo social que exige exclusividade, fidelidade e canaliza a sexualidade para a reprodução dentro do casamento). Mas é sobre a sexualidade em específico que se debruça durante a maior parte de sua análise em “Eros e Civilização”. Isso porque esse aspecto da vida humana pode ser observado como um dos principais pontos de conflito entre os desejos humanos e as estruturas repressivas que o cercam.

A teoria freudiana é frequentemente associada à sexualidade, tanto no senso comum quanto em muitas leituras críticas. Isso porque, para Freud (2010), a sexualidade representa um dos eixos centrais da constituição psíquica humana. Desde suas primeiras formulações, ele observa que os conflitos internos mais

profundos, inclusive aqueles que emergem na infância, estão profundamente enraizados em experiências e pulsões de natureza sexual. As produções centrais de sua obra abordam o tema de forma central, com boa parte dos conceitos elaborados tendo relação mesmo que tangencial com tal. Mas mais importante para análise que Marcuse busca desenvolver: A sexualidade na forma da libido é uma das maiores expressões do Eros, da pulsão de vida.

O prazer sexual, ou a entrega do indivíduo aos seus impulsos libidinosos, é totalmente contrário ao princípio do desempenho. Ele é imediato, sem restrições de tempo, objeto ou espaço. Como Freud (2010) postulou, a reprodução é apenas um subproduto do ato sexual, sendo sua função principal o prazer. A compreensão da sexualidade apenas como meio para a reprodução representa uma forma de instrumentalização em favor do princípio do desempenho. Nesse processo, práticas sexuais dissidentes desse propósito são classificadas como “perversões”, termo usado aqui com a conotação negativa de desvio da ordem natural, o que exemplifica a repressão sobre a sexualidade.

Originalmente, o instinto do sexo não tem limitações extrínsecas, temporais e espaciais, ao seu sujeito e objeto; a sexualidade é, por natureza, polimorficamente perversa. A organização social do instinto sexual interdita como perversões praticamente todas as manifestações que não servem ou não preparam a função procriadora. Sem as mais severas restrições, neutralizar-se-ia a sublimação, da qual depende o desenvolvimento da cultura (Marcuse, 1975, p. 61)

Se percebe, portanto, a visão de um potencial revolucionário no Eros. Mas em nenhum momento Marcuse deixa se levar por isso, ele percebe justamente que ao mesmo tempo que se carrega essa potencial carga revolucionária, ela logo é posta como outro fator a favorecer o sistema capitalista. O próprio desejo que poderia quebrar com a repressão imposta pelo sistema é logo incorporado a ele, de forma a perpetuá-lo.

Em um processo que Marcuse chama de Dessublimação Repressiva⁵, a própria energia, a libido, antes recalcada e potencialmente subversiva, é liberada de maneira controlada e direcionada para fins que reforçam a lógica do sistema. Ao

⁵ A sublimação, em Freud, é o processo pelo qual a energia sexual (libido) é desviada para atividades culturais, artísticas ou produtivas — é como o sistema canaliza o desejo para fins 'aceitáveis'. Marcuse observa que, no capitalismo, há um processo inverso: a dessublimação repressiva, onde a libido é 'liberada' superficialmente (ex.: sexo na publicidade), mas de forma controlada, para reforçar o sistema.

invés de romper com a ordem vigente, o desejo é canalizado para formas de satisfação imediata, consumíveis e espetaculares, neutralizando sua potência crítica.

Um exemplo claro de dessublimação repressiva é a forma como a expressão sexual foi gradativamente incorporada pela publicidade. Houve um tempo em que a simples exibição de um tornozelo era considerada escandalosa; com o passar das décadas, no entanto, o erotismo foi sendo progressivamente absorvido e estetizado pela lógica do consumo. Aquilo que outrora carregava um potencial de transgressão, a sugestão do corpo, o desejo velado, passou a ser um recurso funcional na venda de produtos. A sexualidade, longe de representar um desafio à ordem moral ou econômica, tornou-se um instrumento altamente lucrativo, desprovido de sua potência crítica.

A indústria pornográfica age de forma semelhante. Sua própria classificação como indústria já evidencia o quão bem-sucedida foi sua incorporação pelo sistema capitalista. A pornografia, assim como a prostituição, antecede o capitalismo, mas ao longo do tempo foi sendo moldada segundo a lógica mercadológica que rege esse sistema. Sua distribuição, seus formatos e sua estética tornaram-se sinônimos de um prazer domesticado, regulado por padrões. Frequentemente, seu conteúdo reproduz uma sexualidade protocolar, repetitiva e espetacularizada, submetendo o próprio ato sexual a uma normatividade que esvazia a experiência do desejo genuíno. Trata-se, assim, não apenas da mercantilização do corpo, mas da mercantilização da própria libido, direcionada e formatada para o consumo.

Em uma análise semelhante, e mais contemporânea, o filósofo Sul Coreano, Byung-Chul Han (2017), em seu ensaio "Agonia de Eros", discorre a respeito de como ao contrário do esperado, a pornografia representaria o exato contraposto do Eros.

As concepções de Han partem de uma análise que evidencia a apatia crescente e a negligência sistemática diante da alteridade, fenômenos que para pensador estão diretamente ligados ao modo de vida promovido pelo sistema neoliberal. Nesse contexto, o outro deixa de ser reconhecido em sua diferença radical e passa a ser assimilado, neutralizado ou ignorado, pois tudo tende a ser reduzido ao mesmo, ao familiar, ao funcional. A lógica neoliberal, ao exaltar o desempenho, a transparência e a positividade, esvazia o espaço da relação com o

outro, dissolvendo o Eros e a negatividade que tornam possível o encontro verdadeiro.

A sociedade do desempenho neoliberal seria baseada não necessariamente numa coerção desempenhada em repressão, mas sim em uma coerção de “liberdade”. Cada homem individualizado, visto por si mesmo como uma empresa é um máquina de desempenho, condenado à ser o único culpado por seu próprio fracasso. O outro não pode ser inserido nessa lógica, o outro é imprevisível, incoerente e instável. Logo ele é substituído por versões domesticadas, reflexos do eu que podem ser facilmente alcançados.

Quando tomamos o outro como objeto sexual, erodimos aquela ‘distância originária’ que, para Buber, funciona como o princípio do ser humano que forma a condição de possibilidade da alteridade. O ‘distanciamento originário’ impede que o outro seja coisificado como um objeto, como um ‘isso’. O outro, enquanto objeto sexual, não é mais um ‘tu’. Não é possível haver relação com ele. A ‘distância originária’ produz aquele decoro transcendental que liberta, sim, distância o outro em sua alteridade. Ela torna possível dirigir a palavra a alguém em sentido enfático. Pode-se até abordar um objeto sexual, mas não lhe dirigir a palavra. (Han, 2017, p. 14).

Ou seja, mesmo a “incapacidade” causada pela lógica neoliberal logo se transfere de forma que, novamente, sirva como mais uma roda à engrenagem, alimentando cada vez mais a lógica do desempenho. Mesmo atos sexuais, que deveriam, ao menos numa concepção aparente e superficial, ser a expressão mais clara da realização da pulsão do Eros, são transformados em sua antítese. O sexo torna-se uma atividade performática, baseada no desempenho, servindo apenas a uma existência compensatória e não completante, um mero viver, conforme classificado por Han (2017).

A pornografia, versão mais clara e comercializada dessa lógica, constitui uma síntese dos elementos descritos.

O outro é sexualizado como objeto de excitação. Não se pode amar o outro, a quem se privou de sua alteridade; só se poderá consumi-lo. Nesse sentido, enquanto for fragmentada num objeto sexual parcial, não será ainda uma pessoa. Não existe personalidade sexual. (Han, 2017, p. 19)

Esse excesso de visibilidade, longe de intensificar a experiência sexual, a neutraliza. O que se vê na pornografia não é a presença do sexo, mas sua ausência, uma simulação vazia que, por excesso, anula o próprio Eros. A sexualidade não é mais vivida, mas exibida como performance repetitiva, sem enigma nem ritual. A nudez já não promete encontro, mas consumo. Mesmo o sexo real passa a se

moldar segundo a lógica pornográfica, tornando-se reprodução de um script estéril, onde o outro está sempre domesticado, reduzido a função.

A pornografia serve ao mero viver exposto. É o exato contraposto de Eros: ela aniquila a sexualidade. Nesse sentido, é muito mais efetiva que a moral: 'A sexualidade não se desvanece na sublimação, na repressão e na moral, mas muito provavelmente naquilo que é mais sexual que o sexual: na pornografia'. A pornografia tira sua força de atração da 'antecipação do sexo morto na sexualidade viva'. O obsceno na pornografia não reside no excesso de sexo, mas no fato de não ter sexo. A sexualidade não se vê ameaçada por aquela 'razão pura' que evita o sexo, antiprazerosamente, como algo 'sujo', mas pela pornografia; a pornografia não é o sexo em espaço virtual. Mesmo o sexo real se transforma hoje em pornografia (Han, 2017, p. 28).

Essas análises de Marcuse (1975) e Han (2017) iluminam de forma particular o funcionamento de plataformas como *OnlyFans* e *Privacy*. Nelas, observa-se a síntese perfeita da dessublimação repressiva e da agonia de Eros: as criadoras são incentivadas a 'se libertarem' (discurso de empoderamento), mas dentro de uma lógica rigorosamente controlada (algoritmos, métricas, performance). O outro (o consumidor) é reduzido a um número, uma métrica de engajamento. E o próprio ato sexual é transformado em conteúdo, em performance, em mercadoria — exatamente como Han descreve a pornografia.

A intimidade, amplamente divulgada pelas estratégias de marketing dessas plataformas, revela-se artificial e distante. Os criadores de conteúdo encontram-se cada vez mais sujeitos a uma lógica de autoexploração, performatividade e objetificação, que transforma o desejo e o corpo em mercadoria e esvazia a sexualidade de qualquer potência erótica real.

Não há liberdade a ser encontrada no trabalho mediado por essas plataformas, nem material, nem simbólica, nem afetiva.

2.3. LONGFORM

O produto que engloba e é fundamentado nas conclusões e princípios estabelecidos nesta produção teórica é uma web reportagem em formato longform. Esta decisão parte não só de um ponto de vista puramente estético ou técnico, mas também estratégico. Em primazia, a longform é um formato que tem uma relação direta e até simbólica com o tema selecionado.

Este formato possui uma relação histórica com o movimento conhecido como *New Journalism*, no qual autores como *Truman Capote*, *Gay Talese* e *Tom*

Wolfe, influenciados por produções pioneiras como *Hiroshima*, de *John Hersey*, adotaram uma abordagem mais literária em suas reportagens, rompendo com a mera descrição factual tradicional. Essa inovação narrativa privilegia técnicas como a construção de personagens, descrições imersivas e múltiplos pontos de vista, buscando transmitir ao leitor uma experiência mais próxima e envolvente, discutivelmente até mais humana. Embora essa ruptura tenha desafiado os paradigmas editoriais vigentes na época, o New Journalism representou uma nova abordagem que rompia muito com o ritmo acelerado já estabelecido na sociedade do século XX.

No século XIX, os romancistas faziam muito mais esse tipo de reportagem do que os jornalistas. Já citei exemplos de Balzac e Dickens. O que a pesquisa de Dostoiévski para *O Possesso* demonstra é outro exemplo. Uma razão pela qual muitos escritores romancistas tenderam a ver a reportagem como uma espécie de antinarrativa, exceto para a autobiografia, foi a decisão de que ela deveria ser, ao menos em sua forma mais elevada, um ensaio. Um escritor ensinando uma lição normalmente tinha mais conteúdo do que o necessário para que o texto não parecesse um simples ensaio aplicado. [...] Uma das maiores mudanças trazidas pelo New Journalism foi a reversão dessa atitude — a prova da maestria técnica do jornalista como escritor tornou-se primordial, e a demonstração de normas morais tornou-se secundária. (Wolfe, 1973, p. 50) [Tradução própria]⁶

De forma semelhante, a longform apresenta os mesmos valores. Ela carrega uma recusa clara à velocidade da informação rasa e ao texto que só entrega dados, e não experiência. A ideia aqui não é só informar, mas mergulhar. Mergulhar no tema, no tempo, no outro. Assim como o New Journalism valorizava a escrita como expressão do jornalista, a longform entende que a narrativa também é parte da investigação. Que contar é, por si, uma forma de pensar. O tempo é outro. Mais demorado, mais denso, mais atento. Não se trata só de entregar uma reportagem, mas de criar uma atmosfera, de construir algo que possa ser lido com o corpo inteiro. É uma forma de não aceitar que tudo precise caber em 280 caracteres ou em três parágrafos frios. A longform nesse sentido não é só um formato. É quase um posicionamento. Uma escolha de olhar, de ritmo, de relação com o leitor e com

⁶ In the nineteenth century novelists did much more of this sort of reporting than journalists. I have already cited the examples of Balzac and Dickens. The sort of research that Dostoyevsky did for *The Possessed* is another example. One reason that nonfiction writers were slow to see the possibilities of this approach was that nonfiction, except for the autobiographical, was seen as didactic genre, at least in its highest expression. A writer seeking to teach a lesson usually was after no more content than it took to make his case appear solid [...] One of the greatest changes brought about by the new breed of journalists has been a reversal of this attitude—so that the proof of one's technical mastery as a writer becomes paramount and the demonstration of moral points becomes secondary.

quem é retratado. Ela propõe que algumas histórias não só podem, mas precisam ser contadas devagar.

E isso é uma quebra justamente com o conceito de consumo rápido que é imposto pela necessidade do desempenho. A lógica que domina o ambiente digital cobra que tudo seja rápido, acessível e imediatamente recompensador. Textos curtos, manchetes apelativas, vídeos de segundos. Tudo precisa funcionar como estímulo instantâneo, sem pausa, sem espaço para reflexão. A longform vai na contramão disso. Ler-lá é sair do ritmo imposto, deixar o algoritmo de lado e dar espaço para narrativas que não se dobram à eficiência. Mais do que a pura informação, o formato apela para um sentimentalismo e humanismo. Ele não quer só contar o que aconteceu, mas fazer sentir o que aquilo significou.

Não à toa, uma das longforms mais reverenciadas é “Snow Fall”, publicada pelo New York Times em 2012, que narra o acidente de um grupo de esquiadores pegos por uma avalanche no Tunnel Creek, em Washington. É verdade, o texto virou referência também devido ao uso inteligente de recursos visuais, como mapas, vídeos e trilhas sonoras. Mas o glorificar apenas por isso seria um formalismo ignorante, o diferencial era a forma como tudo era integrado à leitura, e nada parecia forçado ou decorativo. A técnica servia ao todo, ela era apenas um convite para convocar uma audiência a entrar na pele daqueles personagens.

A *longform* é uma desaceleração proposital, um furo na pressa e acima de tudo: uma valorização do outro.

“Não obstante, o que tem sido apontado como sua principal especificidade é a profundidade, e isso em vários níveis, inclusive o do próprio tempo, conforme Glenn Stout (apud FISCHER, 2013): “(...) o ‘longo’ se refere à extensão de tempo empregado em apurar, redigir, editar e então apresentar ao leitor”. Isso vem de encontro a um movimento recente, o *slow journalism*, definido pelos seus fundadores como o retorno da qualidade do jornalismo. (Longhi e Winques, 2017, p. 111).”

Portanto, utilizá-la para trazer à tona narrativas que envolvem pessoas que vivem à margem da sociedade é dar valor às suas experiências, compreendê-las como “o outro”, mesmo que isso incomode. É também pedir que um tempo do leitor que antes seria dedicado ao desempenho próprio seja dedicado ao outro.

Simultaneamente, utilizar mecanismos multimidiáticos é um atrativo a personalização da experiência de leitura e dos dados que serão expostos pela produção. Eles reforçam a imersão, criam ritmo, e, sobretudo, oferecem camadas que o texto sozinho não daria conta de sustentar. A escolha de integrar esses

elementos está diretamente ligada à proposta da longform: mergulhar, sentir, observar com mais tempo e mais cuidado. Em um tema como o trabalho sexual digital e a mercantilização da intimidade, lidar apenas com palavras seria reduzir a experiência. Uma abordagem interativa a um infográfico com o lucro obtido pela maioria das criadoras, por exemplo, tornaria um dado distante em uma informação palpável e “vivenciável” pelo leitor.

3. DESCRIÇÃO E FUNDAMENTAÇÃO DO PROCESSO DE PRODUÇÃO

Como já estabelecido, a longform resultante deste processo buscava a humanização e reconhecimento da alteridade em figuras distantes, muitas vezes marginalizadas. Para a realização desse objetivo foram planejadas uma série de entrevistas com criadores de conteúdo tanto em ambientes virtuais quanto presenciais. Por questões relacionadas ao próprio perfil da atividade, tinha-se em mente que as entrevistas seriam majoritariamente garotas, jovens entre 19 a 24 anos. A ideia era pegar diferentes perfis, tendo como ponto em comum a entrada nas plataformas por necessidade e suas consequências. Adentrando em seus dramas interpessoais e preocupações com o futuro. Esses relatos seriam utilizados como contraponto tanto da imagem institucional promovida pelas plataformas — a de “empreendedoras” livres que compartilham suas “aventuras” e “intimidades” — quanto as criadas no imaginário social de “garotas degeneradas” que querem dinheiro fácil, ou então “pobres vítimas que não tem noção do que fazem”.

A estratégia de distribuição priorizou o ambiente digital, optando-se por disponibilizar o material em um site próprio. Essa escolha metodológica garantiu a possibilidade da inserção dos recursos multimídias característicos da longform, sendo desde o princípio planejada a utilização de infográficos e áudios. A utilização de um site também supera as limitações tanto de circulação, quanto de formato e visualização em PDFs ou materiais estáticos. A interatividade também era visada desde o princípio, sendo planejado um processo similar a um “tour” por uma exposição, dialogando assim com o tema da produção.

O rigor jornalístico exigiu fossem feitas análises quantitativas a respeito dos dados socioeconômicos providenciados por essas plataformas. E para complementar de forma qualitativa o debate, o objetivo era procurar fontes variadas de especialistas.

A princípio, se planejou entrevistar um advogado trabalhista para proporcionar uma perspectiva legal tanto à precariedade do trabalho na plataforma como às próprias formas de atuação dos sites dentro da lei. Além de explicitar as consequências da falta de transparência e regulamentação dessas empresas, principalmente dentro do contexto brasileiro.

Outra fonte a qual se intenta entrevistar era um especialista no próprio funcionamento das plataformas, não necessariamente *Privacy* e *OnlyFans*, mas de negócios de rede no geral. Este especialista não seria consultado apenas sobre as regras internas do *OnlyFans*, mas sim sobre a lógica do algoritmo em si. A entrevista teria o propósito de esclarecer como essa lógica invisível influencia diretamente a forma como as criadoras se veem, agem e se vendem no ambiente digital. Assim, a reportagem teria a oportunidade de demonstrar que a pressão por performance não é apenas uma escolha mercadológica, mas uma resposta direta à codificação das redes. Ao integrar essa perspectiva, ficaria claramente exposta a maneira pela qual as próprias plataformas gerem as imagens das personagens, fornecendo, em última instância, uma crítica mais robusta sobre o controle e a influência desses modelos de negócio no trabalho e na vida das criadoras

Paralelamente, a busca por sexólogos ou especialistas em sexualidade justificava-se pela necessidade de ir além do viés econômico, abordando as dimensões sociais, psicológicas e de saúde mental da atividade. A entrevista com estes profissionais permitiria contextualizar os desafios emocionais, o estigma social e a gestão da própria imagem no mercado, garantindo uma cobertura completa e ética do fenômeno.

A ideia de entrevistar um comprador dos conteúdos também foi considerada, principalmente para trazer a perspectiva do público sobre esse fenômeno. O objetivo seria precisamente incorporar a voz da demanda, por meio de um personagem que apesar de ser parte essencial do processo se veja, possivelmente, como um dos mais alienados. Trazendo também à tona as perspectivas sociais comuns em relação às trabalhadoras sexuais.

Visualmente, o produto emularia por meio de cores frias e imagens cruas uma estética de vazio e solidão. Em contraste com a proposta de intimidade e desejo que perpassa todo o tema.

4. RELATÓRIO DE PRODUÇÃO

As entrevistas com as criadoras foram realizadas tanto de forma presencial, como à distância. Os perfis foram dentro do esperado, com variações em alguns aspectos chaves da história que davam diferentes percepções às suas narrativas, enriquecendo a reportagem neste aspecto. Entretanto, o contato com essas personagens entrou em choque com o caráter multimidiático da *longform*. A maioria das criadoras pediu para não ser identificada, seja por nome ou alcunha virtual, com apenas uma entrevistada permitindo a gravação por áudio e outra cedendo, posteriormente, um vídeo interpretando o seu relato, com a condição de que seu rosto não aparecesse. Todavia, seus relatos permanecem sendo a espinha dorsal da narrativa construída pela *longform*.

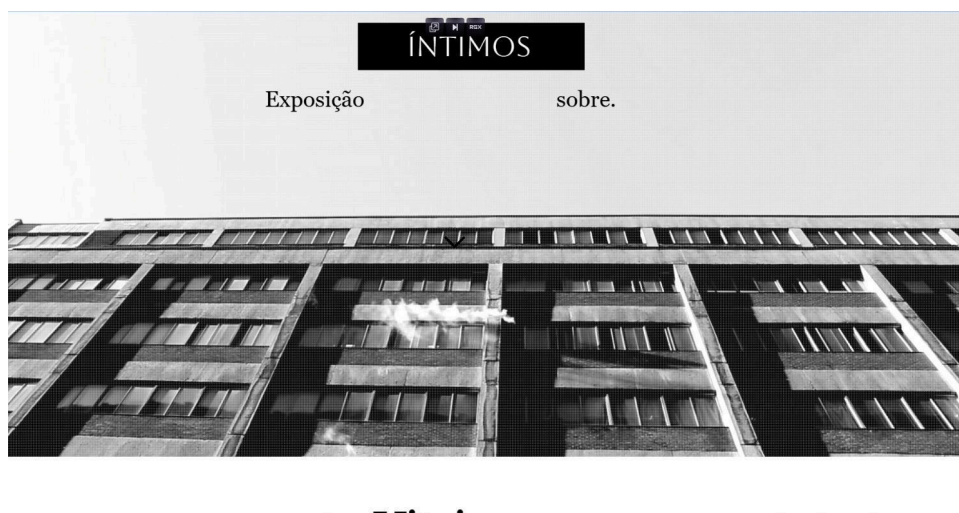
Os especialistas que puderam ser consultados foram apenas aqueles relacionados à sexualidade humana, suas entrevistas foram todas online, com gravações que passaram por problemas técnicos. A busca por advogados trabalhistas e especialistas em rede sofreu com questões de agenda e falta de resposta. Como resultado desse processo, a *longform* final acaba por citar aspectos socioeconômicos do processo apenas utilizando-se de fontes primárias, recorrendo também aos pareceres das especialistas em sexualidade para tratar de assuntos como regulamentação, lucro, hiper disponibilidade e algoritmos — este último contando também com construções feitas a base dos pontos de vista das personagens.

A entrevista com um comprador de conteúdos foi feita, porém descartada devido a falta de material percebida ao final e dificuldade de encaixe dentro da narrativa geral.

Como plataforma de hospedagem foi selecionada a “wix” por sua facilidade de uso e navegação. Os infográficos foram criados pelos sites “*Flourish*” e “*Calconic*” pela possibilidade de interatividade proporcionada. As imagens utilizadas foram em sua maioria retiradas de bancos de imagens, com algumas montagens sendo feitas pelo próprio repórter. Outro recurso multimídia muito utilizado foram os áudios e vídeos das três entrevistadas que deram permissão para serem gravadas, sendo apenas uma delas de personagem. Os áudios aparecem de forma a complementar tanto em conteúdo quanto em forma as declarações que as precedem, sendo curtos eles podem ser vistos como um breve relato, se fundindo no fluxo da leitura.

A ideia permaneceu sendo criar uma estética de vazio e frieza em contraste com o tema da matéria, de forma que foram utilizadas majoritariamente cores frias na composição do visual do site. (Figuras 3 e 4)

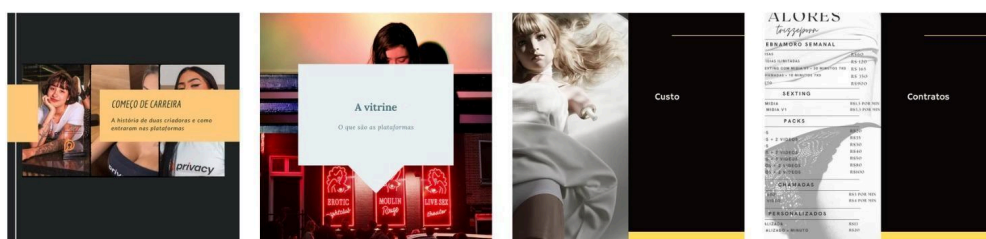
Figura 3 – Visão geral da primeira página do site



fonte: Thiago Ferrari (2025)

Figura 4 – Visão geral das divisões do site

Vitrines



fonte: Thiago Ferrari (2025)

Na escrita se deu ênfase na narrativa de contrastes e humanização, a maior parte da reportagem se constrói a partir de falas das personagens. A reportagem é dividida em quatro partes:

“*Começo de carreira*” (Figura 5) na qual é feita uma introdução da própria forma como a história se apresenta, pelo contraste, logo após ler a vida de sucesso

de Martina Oliveira, o leitor é introduzido a Kara, uma jovem com passagens conturbadas pela criação de conteúdo adulto e prostituição.

Figura 5 – Visão da página “Começo de carreira”



fonte: Thiago Ferrari (2025)

A parte seguinte, “Vitrine” (Figuras 6 e 7), traz o contexto que envolve a plataforma e reforça o perfil apresentado por Kara no que diz respeito a entrada nas plataformas, com variações a respeito da visão e situação atual de cada uma das personagens, bem como as relações que tem com o próprio trabalho sexual. Nesta seção também são utilizados pela primeira vez os recursos multimídias, áudios e vídeos complementam o que está sendo dito, introduzindo a regra geral para sua utilização ao decorrer da longform. Vozes de especialistas apenas ilustram ou explicam os pontos trazidos à tona pelas próprias personagens, com os áudios que pertencem a elas servindo para o complemento narrativo, com relatos mais crus e sem edição. Os dois infográficos interativos buscam chamar a atenção do leitor para o descompasso que as próprias personagens presenciaram em relação a facilidade e abundância de dinheiro dentro do trabalho sexual, e o que encontraram. Ao fim, é feito um gancho para a terceira parte.

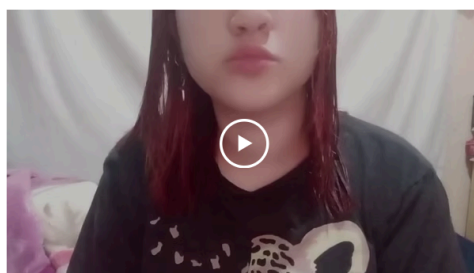
Figura 6 – Visão geral do página “Vitrine”



fonte: Thiago Ferrari (2025)

Figura 7 – Organização visual e narrativa da página “Vitrine”

Esse mercado inóspito é muito atrativo para jovens. Ciel, criadora recém “aposentada” começou a vender seus conteúdos aos 19 anos. Ela trabalhava como repositora em um atacado, e apesar de ter o ensino médio completo, encontrava dificuldade no mercado de trabalho formal, diagnosticada com transtorno borderline e com problemas com a sua genitora, sentia-se pressionada a sair de casa.



O sonho logo demonstrou não ser glamoroso. Em poucas semanas após abrir a conta e pedir demissão de seu antigo emprego, Ciel começou a atender de maneira presencial. “Odiava completamente tudo aquilo, sinto nojo só de lembrar. A plataforma não dava dinheiro do jeito que eu achei que daria, e olha que eu não cobrava tão pouco. Eu não posso mentir que, às vezes, eu conseguia comer em lugares diferentes e, depois de economizar muito, consegui fazer a cirurgia de rinoplastia que eu queria desde sempre.”, relembra.

fonte: Thiago Ferrari (2025)

Em “*Custo*” (Figuras 7 e 8) se segue o padrão narrativo já imposto para trazer à tona os relatos a respeito da forma como essa passagem pelo mercado afetou as personagens.

Figura 8 – Organização narrativa da página “Custo”

Ciel desativou quase todas as contas relacionadas a seu Privacy, apenas um instagram inativo segue em pé. Entretanto, por vezes ela recebe mensagens de antigos clientes, ou então recebe ofensas direcionadas a essa curta passagem pelo ramo. “Vez ou outra alguém vem e começa a trazer isso à tona numa discussão ou briga”.

Mas, os vestígios vão além da exposição. Ciel comenta: “Durante muito tempo não conseguia confiar, principalmente em homens. A maior parte dos clientes é casado, como fica a cabeça aí?”, questiona.

Hoje, em um relacionamento estável, ela afirma que, se pudesse, teria se exposto menos. “Não devia ter mostrado o rosto, eu nem ‘bombei’ tanto e já recebo esse tipo de coisa, eu não consigo imaginar o que aconteceria se eu tivesse tido mais assinaturas”, afirma.

Morgana, em contrapartida, compartilha uma visão não de nojo ou medo, mas uma visão de cansaço em relação ao desejo sexual próprio e aos relacionamentos. O algoritmo exige uma constante reinvenção própria, tanto na forma como no conteúdo, a performance, tem sempre que ser inovada, a aparência, em dia, e o prazer, em constância. “A dificuldade não é só achar alguém que aceite essa sua escolha, é achar alguém que entenda. É difícil sentir desejo, é difícil estar disponível pro seu parceiro depois de ficar o dia inteiro disponível lá [para os clientes], é difícil gozar.”, declara.

▶ 00:00 / 01:28

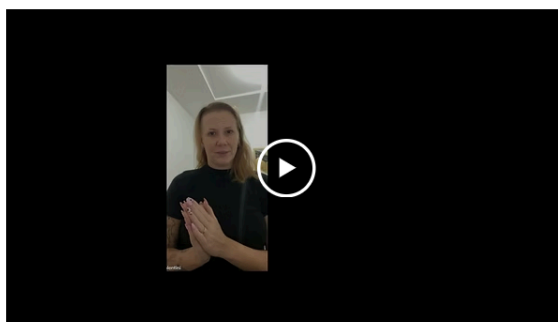
Thais explica que “com esses aplicativos, querendo ou não, a pessoa está se colocando como produto, sua aparência e principalmente sua performance. E nesses casos a performance pode acabar muitas vezes se confundindo”.

fonte: Thiago Ferrari (2025)

Figura 9 – Organização da página “Custo”

▶ 00:00 / 01:28

Thais explica que “com esses aplicativos, querendo ou não, a pessoa está se colocando como produto, sua aparência e principalmente sua performance. E nesses casos a performance pode acabar muitas vezes se confundindo”.



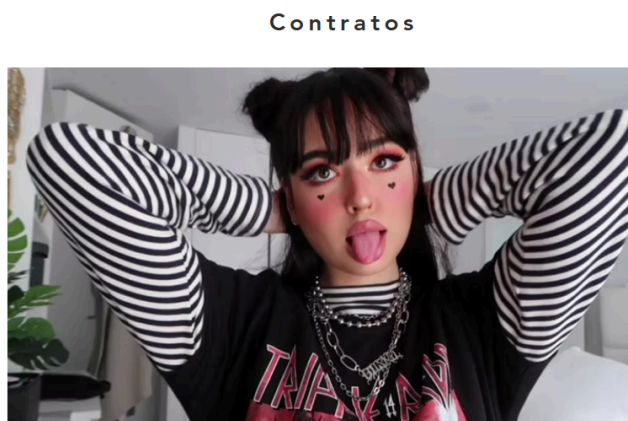
Camila Moura, sexóloga formada e especializada pela UFPR, afirma que as plataformas são reflexo de relações já estabelecidas na atualidade. Ou melhor, “quebradas”, entre o público e o privado.

▶ 00:00 / 02:39

fonte: Thiago Ferrari (2025)

Por fim, em “*Contratos*” se traz uma breve discussão a respeito do significado do que foi exposto. Propõe-se uma reflexão a respeito da regulamentação dessa atividade e do próprio significado que ela tem dentro da sociedade atual.

Figura 10 – Visão geral da página “Contratos”



Estar na Privacy, na OnlyFans, no Telegram, ou em qualquer outra plataforma desse ecossistema, significa lidar com um cenário permanentemente instável. Nada garante retorno, segurança ou continuidade. As empresas agem como balcões de negócio, assim como outras redes sociais e aplicações, elas tendem a justificar sua existência apenas como mediadoras, sem nenhuma agência sobre o conteúdo ou quem o produz — mantendo moderações mínimas para assegurar a existência de seu negócio perante a lei, neste caso deletando vídeos e conteúdos que possuam violações de direitos humanos e violências, além de contas fraudulentas prejudiciais ao seu próprio lucro.

fonte: Thiago Ferrari (2025)

Os títulos de cada seção dialogam com a temática geral da reportagem, instigando a curiosidade do leitor com, à exceção do primeiro, simples substantivos que chamam a atenção e dialogam com o exposto por em cada parte.

Ao fim, nota-se, entretanto, que o principal foco da reportagem acabou sendo as criadoras e suas relações interpessoais, com o aspecto econômico da análise sendo limitado por falta de entrevistas com especialistas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como indivíduo que cresceu imerso no ambiente digital, sou ao mesmo tempo paciente e sintoma dos impactos que as novas tecnologias informacionais produzem sobre a sociedade e, em especial, sobre sua juventude. Quando Byung-Chul Han descreve a dificuldade contemporânea de encontrar o outro, ou quando define o sujeito do desempenho como aquele que internaliza a culpa e se

torna o único responsável por seu sofrimento, recorrendo ultimamente á uma versão comercializada e simples do outro, ele está, essencialmente, descrevendo minha geração e, de certo modo, minha própria experiência.

Ao longo dos anos vi nascer esse mercado de intimidade, inicialmente como uma piada entre certos círculos da internet, e crescer, hoje sendo entendido por muitos como uma “opção de carreira” como qualquer outra.

Vi surgirem os primeiros debates sobre a Uber, presenciei à queda de uma concepção trabalhista clássica, a ascensão de um projeto neoliberal cada vez mais carregado ideologicamente e progressivamente mais vitorioso dentro das diversas áreas da sociedade.

Como um jovem introvertido com dificuldades inatas em relacionamentos, esses fenômenos que se traduzem quase como disfunções de qualquer expectativa de bem estar com o outro me afetaram profundamente. Essa produção não tem em momento algum a intenção de moralizar o debate a respeito destas, mas apenas registrar de modo à levantar o questionamento.

Em que momento se aceitou de forma tão ampla a compra de uma intimidade; Como a liberdade de ter o próprio chicote em mãos e ser seu próprio capataz se tornou tão agradável; De que forma o outro transforma-se em só um produto e isso é aceito. Essas perguntas não tem o objetivo de classificar os fenômenos que questionam como inerentemente bons ou maus, apenas questioná-los agora que são parte da realidade.

O jornalismo tem uma função social não apenas informativa, mas também de registro e humanização. A produção desta reportagem busca principalmente esses dois aspectos. Talvez em um futuro próximo tudo isso seja tão irrelevante quanto um trabalho de conclusão de curso. Mas em algum momento não foi.

REFERÊNCIAS

AGUSTÍN, Laura María. **Sex at the margins: migration, labour markets and the rescue industry**. London: Zed Books, 2007.

BANCO MUNDIAL. **A economia de dados: implicações para a política e o futuro digital**. Washington, D.C.: Banco Mundial, 2018. Disponível em: <https://www.worldbank.org/en/publication/data-economy>. Acesso em: 12 dez. 2024.

BARTH, Mauricio; GANDOLFI, Edson; VALIATI, Vanessa; PINHEIRO, Cristiano. **Os outros somos nós: uma análise sobre a plataformização no Brasil**. Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación, v. 11, n. 21, p. 12, abr. 2024.

BBC BRASIL. **O impacto dos sites de pornografia na sociedade: o que dizem os especialistas**. BBC Brasil, 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-48526409>. Acesso em: 12 dez. 2024.

BRANCH, John. **Snow Fall: the avalanche at Tunnel Creek**. The New York Times, 2012. Disponível em: <https://www.nytimes.com/projects/2012/snow-fall>. Acesso em: 27 jun. 2025.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. 4. ed. São Paulo: Zahar, 2014.

CAVALHEIRO, Manuela. **Breve história da prostituição: da puta sagrada à devassa pecadora**. AzMina, 5 jul. 2022. Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/breve-historia-da-prostituicao-da-puta-sagrada-a-devassa-pecadora/>. Acesso em: 27 jun. 2025.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978–1979)**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HAN, Byung-Chul. **A agonia de Eros**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

HERSEY, John. **Hiroshima**. Tradução de Maria Emília de Moraes. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

JORNAL DE BRASÍLIA. **Indústria do entretenimento adulto cresce na pandemia e ultrapassa sites como CNN, Netflix e Amazon**. Jornal de Brasília, 2020. Disponível em: <https://jornaldebrasil.com.br/noticias/industria-do-entretenimento-adulto-cresce-na-pandemia-e-ultrapassa-sites-como-cnn-netflix-e-amazon/>. Acesso em: 12 dez. 2024.

MARCUSE, Herbert. **Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud**. Tradução de Sérgio Bath. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

ONGHI, Raquel Ritter; WINQUES, Kérley. **O lugar do longform no jornalismo online: qualidade versus quantidade e algumas considerações sobre o consumo**. *Brazilian Journalism Research*, v. 1, n. 1, p. 110, 2015.

SAMPAIO, Valber Luiz Farias; ROLIM, Cyntia Santos; SILVA, Catherine Victoria Miranda da; ROCHA, Jéssica Moreira; PINTO, Heliandro Magno. **Notas sobre a patologização da vida: uma netnografia do contemporâneo**. *Observatório Latinoamericano*, v. 22, n. 5, p. 149, 2024.

SILVA, Mirian Borges da. **A plataformização chegou no trabalho do sexo: apontamentos sobre a formalização da precarização a partir da plataforma OnlyFans**. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) — Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2024.

SUPER INTERESSANTE. **Quanto dinheiro é movimentado pelos sites pornô?** Super Interessante, 2019. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quanto-dinheiro-e-movimentado-pelos-site-s-pornos>. Acesso em: 12 dez. 2024.

TECMUNDO. **O submundo da pornografia na internet monopoliza a sacanagem**. TecMundo, 2019. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/internet/84948-submundo-pornografia-internet-monopoliza-sacanagem.htm>. Acesso em: 12 dez. 2024.

TECMUNDO. **Privacy supera OnlyFans e é a plataforma mais acessada no Brasil**. TecMundo, 2020. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/242282-privacy-supera-onlyfans-plataforma-acessada-brasil.htm>. Acesso em: 12 dez. 2024.

TECMUNDO. **Privacy: o OnlyFans 100% brasileiro**. TecMundo, 2021. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/254220-privacy-o-onlyfans-100-brasileiro.htm>. Acesso em: 12 dez. 2024.

WHITING, Sam. **Carol Leigh, who coined the term sex work and fought to puncture taboos about it, dies at 71**. *San Francisco Chronicle*, 17 nov. 2022. Atualizada em 18 nov. 2022. Disponível em: <https://www.sfchronicle.com/sf/article/Carol-Leigh-who-coined-the-term-sex-work-17593168.php>. Acesso em: 27 jun. 2025.

WOLF, Melissa Gira. **Playing the whore: the work of sex work**. London: Verso Books, 2014.

WOLFE, Tom; JOHNSON, E. W. (ed.). **The new journalism**. New York: Harper & Row, 1973.

ANEXOS

ANEXO 1 — SITE WIX: <https://thtfer2004.wixsite.com/tcc2>